



Notas históricas sobre a trajetória educacional de Leolinda de Figueiredo Dalto (1880- 1920)¹

Historical notes on the education trajectory of Leolinda de Figueiredo Dalto (1880-1920)

 **Jose Rubens Lima Jardimino**

Doutorado em Ciências Sociais
Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil
jrjardilino@ufop.edu.br

 **Victor Augusto de Deus Barbosa**

Graduação em História
Universidade Federal de Ouro Preto
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
victor.barbosa@aluno.ufop.edu.br

Resumo: O presente artigo faz uma inserção na trajetória e ações educativas de uma mulher professora no final do século XIX e começo do XX, pouco conhecida na literatura educacional. Trata-se de Leolinda de Figueiredo Dalto (1859-1935), professora primária que ganhou notoriedade na cidade do Rio de Janeiro, Capital da República, por sua atuação no movimento pelos direitos das mulheres, em especial quando fundou o Partido Republicano Feminino, em 1910. Utilizamos para este artigo algumas fontes documentais, livro da própria autora e, em especial a Imprensa da época na qual o nome de Leolinda Dalto foi pautado seguidamente em virtude de suas ações político-educacionais. Em sua trajetória se destaca seu trabalho educativo junto aos povos indígenas no norte de Goiás, na formação profissional de moças pobres em cursos noturnos e sua militância como sufragista brasileira e em favor do voto feminino no Brasil.

Palavras chave: História da Educação; História das mulheres; formação profissional; trajetórias intelectuais.

Abstract: This article makes an insertion in the trajectory and educational actions of a teacher woman in the late 19th and early 20th centuries, little known in the educational literature. This is Leolinda de Figueiredo Dalto (1859-1935), a primary teacher who gained notoriety in the city of Rio de Janeiro, capital of the Republic, for her performance in the women's rights movement, especially when she founded the Women's Republican Party in 1910. For this article we used some documentary sources, the author's own book and, in particular, the Brazilian Press of the time in which the name of Leolinda Dalto was repeatedly based on her political-education actions. In his teaching trajectory work with indigenous peoples in northern Goiás stands out, in the professional training of poor girls in evening courses and his militancy as a Brazilian suffragette and in defense of the female vote in Brazil.

Keywords: History of Education; women's history; professional training; intellectual trajectories.

Cite como

(ABNT NBR 6023:2018)

JARDILINO, Jose Rubens Lima; BARBOSA, Victor Augusto de Deus. Notas históricas sobre a trajetória educacional de Leolinda de Figueiredo Dalto (1880- 1920). *Dialogia*, São Paulo, n. 48, p. 1-21, e25140, jan./abr. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/48.2024.25140>

American Psychological Association (APA)

Jardilino, J. R. L., & Barbosa, V. A. de D. (2024, jan./abr.). Notas históricas sobre a trajetória educacional de Leolinda de Figueiredo Dalto (1880- 1920). *Dialogia*, São Paulo, 48, p. 1-22, e25140. <https://doi.org/10.5585/48.2024.25140>

¹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Introdução

Este artigo, que preferimos conferir o título de “notas histórica sobre a trajetória educacional...” trata-se de uma aproximação à vida e obra de Leolinda de Figueiredo Daltro², professora na capital federal da república no final do dezenove e primeiras décadas do vinte, feitas por meio de uma leitura da imprensa local e de sua própria produção. Por isso convém antecipadamente explicar ao leitor que essas notas históricas ainda que se aproximam do conceito de “trajetória” como categoria metodológica ou teórico-conceitual na perspectiva bourdieusiana³, o artigo se traduz numa aproximação da literatura da autora e sobre a autora e por isso o uso termo “notas” no título.

A pesquisa que dá origem a este texto, pretende fazer uso do conceito de trajetória intelectual ou profissional da autora, uma vez que este recurso permitirá compreendê-la no espaço social dinâmico da primeira república, no qual é possível entender a trajetória (Bourdieu, 1986, p 71) como várias posições ocupadas pelo mesmo agente no mesmo espaço em movimento. Para tal exercício certamente teremos que recorrer a clássica noção de “campo” (Bourdieu, 1976) pois, para o autor compreender significa em primeiro lugar compreender o campo com o qual e contra o qual se está jogando. Desta feita trabalhar na ideia de trajetória de maneira relacional que nos leve a problematizar espaços sociais como espaços de posições definidos por relações, considerando que “os acontecimentos biográficos se definem antes como alocações e como deslocamentos no espaço social” (BOURDIEU, 1986, p.70). Uma maneira metodológica possível será pelas redes de sociabilidades pelas quais a autora transitou.

Dadas as explicações introdutórias, passemos as notas aqui propostas.

1 Notas biográficas

Leolinda de Figueiredo Daltro nasceu na metade do século XIX (14/7/1859), no conturbado final do Império, na localidade de Najé, cidade de Cachoeira, no atual estado da Bahia.

² Embora com alguns estudos sobre terminados temas que compõe a trajetória da professora, no âmbito da educação encontramos dois ou três trabalhos. A bibliografia sobre a autora começa a crescer na área da educação. Entre os trabalhos citamos a mais recente (2019) de Alexandra Padilha Bueno Intelectuais brasileiras e seus projetos formativos para a emancipação da mulher: A pedagogia feminista em disputa (1910-1940) e os trabalhos que o antecederam: Paullete dos Santos Cunha (2014) “*Leolinda Daltro, a caminhante do futuro: uma análise de sua trajetória de catequista e feminista (Rio de Janeiro/Goiás – 1896-1920)*”; Patrícia Gregório(2012) “*A professora Leolinda Daltro e os missionários: disputas pela catequese indígena de Goiás (1896-1911)*” Maria Emília de Abreu(2007) “*Professora Leolinda Daltro: uma proposta de catequese laica para os povos indígenas do Brasil (1895-1911)*”; Eliane Rocha (2002) “*Entre a pena e a espada: a trajetória de Leolinda Daltro (1859-1935) – patriotismo, indigenismo e feminismo*”.

³ Estamos nos referindo ao texto de Bourdieu que provocou, à época, bastante reação e crítica e, mais recentemente, sua quase exorcização pelos estudos autobiográficos e Histórias de Vida. Trata-se do célebre artigo de Pierre Bourdieu, “*l’illusion biographique*” publicado em dossiê sobre História de Vida nas *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, em 1986, no qual firmava suas suspeitas epistêmicas aos argumentos de defesa do cognitivo das histórias de vida no campo das ciências sociais. Considera Bourdier que “*C’est dire qu’on ne peut comprendre une trajectoire (C’est-à-dire le vieillissement social qui, bien qu’il accompagne inévitablement, est indépendant du vieillissement biologique) qu’a condition d’avoir préalablement construit les états successifs du champ dans lequel elle s’est déroulée, donc l’ensemble des relations objectives qui uni l’agent considéré – ou mains, dans un certain nombre d’état pertinents - à l’ensemble des autres agents engagés dans le même champ et affrontés ou même espace des possibles.* » p.72

mãe de cinco filhos: Alcina, Alfredo, Oscar, Leobino e Aurea e sua trajetória vai indicar uma mulher a frente de seu tempo se destacando como educadora, indigenista e militante pelos direitos da mulher em uma sociedade patriarcal, que a negou, na maior parte de sua vida, alguns direitos políticos como cidadã, por exemplo, o direito de se candidatar a cargos públicos, insistentemente por ela almejado e continuamente interdita pela sociedade hétero, patriarcal.

Sua biografia em alguns momentos indica que embora tenha origem na classe média emergente na República na sociedade baiana, lhe permitiu pouca ascensão até sua chegada à capital – Rio de Janeiro. Na infância, como órfã, filha de militar personagem destacado na guerra do Paraguai⁴, tudo indica que recebeu boa formação no Colégio das Órfãs do SS. Sagrado Coração de Jesus⁵, uma vez que à época a educação das crianças que tinham pais militares e combatentes na guerra, o estudo das filhas era uma espécie de estímulo e segurança para que estes assumissem tal empreitada militar.

Para esta constatação estamos apoiados nas análises de Rocha (2016:35) que também sugere ser esta instituição o berço da formação da professora, em especial levando-se em conta posteriormente as características da própria prática educativa de Leolinda, segundo a autora, esteve muito próxima do carisma da ordem das Ursulinas⁶

O Colégio das Órfãs do SS. Sagrado Coração de Jesus educava meninas órfãs e sua missão era amparar meninas pobres dando-lhes uma formação profissional como professora ou outros meios para se ter uma profissão e garantir sua sobrevivência, tendo aulas de costura e bordado evitando o desamparo na vida adulta, caso lhe faltasse um marido (Rocha, 2016, p35). Nestes termos há grandes chances que Leolinda tenha sido alguma dessas meninas baianas, que por ser órfã de pai, o senhor Luiz Antônio de Figueiredo, destacado para a guerra, e pelo que indica a documentação, também órfã de mãe⁷.

⁴A fonte mais segura sobre a família de Leolinda são as suas declarações, pois falta de fontes documentais se utiliza as fontes orais, narradas pelas próprias professoras conforme apontou Elaine Rocha 2021, p.11 “Não foram encontrados documentos sobre a família, infância e juventude de Leolinda Daltro, a não ser o que foi declarado por ela mesma e por seus filhos. De acordo com tais declarações, seu pai foi o capitão Luiz Antonio de Figueiredo, que lutou na Guerra do Paraguai. Leolinda perdeu a mãe ainda na infância e foi criada pela avó e educada em colégio”

⁵Rocha (2016) descreve todas as constatações documentais e inferências de porque teria sido este colégio o berço formador de Leolinda de Figueiredo Daltro. Vide Eliane Pereira ROCHA. Vida de Professoras: Ideias e aventuras de Leolinda de Figueiredo Daltro durante a primeira república. In. Revista Mundos do Trabalho | vol. 8 | n. 15 | janeiro-junho de 2016 | p. 29-47 P.33-36

⁶As Irmãs Ursulinas começaram suas atividades na cidade italiana de Bréscia, em 1535. As ursulinas originais compreendiam dois grupos: viúvas experientes e jovens solteiras. As mais velhas ensinavam as mais novas a dar aulas, administrar hospitais e orfanatos, e a cuidar dos pobres. O trabalho se desenvolveu na França em Avignon onde fundaram seu primeiro convento. Depois já em movimento missionário alcança sucesso significativo no Novo Mundo. O Québec foi um lugar de chegada à América. *Le 1^{er} août 1639, trois religieuses ursulines débarquent à Québec en provenance de France. Parmi elles se trouve Marie de l'Incarnation, l'initiatrice du projet missionnaire qu'elles viennent réaliser en Amérique. Deux ans plus tard, un premier monastère est achevé. Elles y ouvrent la première école pour jeunes filles de la colonie, qui accueille d'abord quelques autochtones, puis des élèves d'origine française dans une colonie qui ne compte alors que quelques centaines d'habitants.* Para uma leitura sobre a missão dessa ordem religiosa no Québec veja. Hamel, Thérèse (1995) Un siècle de formation des maîtres au Québec, 1836-1939. Montréal. Hurtubise HMH.

⁷Aqui a literatura indica controvérsia na documentação. Rocha (2016, p.33) descreve que em documento de 1861 (livro de óbitos da Freguesia de Maragogipe n.9. fl.48) no qual se tem anotação da morte de Alexandrina Tupinambá de Figueiredo, conhecida como mãe de Leolinda, ela é registrada como parda e solteira, contradizendo a narrativa da família que afirmava ser ela descendente de Indígena.

A documentação na qual se apoiou a tese de Elaine Rocha, da qual tivemos acesso de segunda mão, e os depoimentos colhidos por entrevista com familiares da professora apontam que a mesma teria se casado duas vezes, o primeiro matrimônio no ano de 1873, quando ainda tinha seus quinze anos, já exercendo a profissão de educadora, e em 1883, teria saído de Salvador com a família para lecionar pelos sertões baianos, e o segundo, não se tem registro, apenas o fato da sua chegada a Capital em 1887, juntamente com seu segundo marido Apollonio, de quem não se tem muitas notícias nem fontes sobre suas atividades na capital. Sabe-se pelas narrativas de familiares que tinha um cargo público como funcionário da Fazenda. Essa fonte será importante para o prosseguimento da pesquisa que deu origem a este texto, com fins a compreensão melhor da rede de sociabilidades na qual Leolinda participou. As fontes indicam que imediatamente após sua chegada à capital já se viu empregada na escola pública do Rio de Janeiro, capital da República.

Assim mesmo considerando a sólida formação e boa preparação para o exercício da docência há raridade de fontes para entender o fato de que, para além de sua experiência e formação, os indícios de uma ampla rede de sociabilidade muito fluída na qual está inserida. Leolinda Daltro não somente torna-se uma professora⁸ do ensino público da capital, mas transitava por diversos meios políticos/sociais a que em geral os recém-chegados a capital tinham pouco acesso. As pesquisas ainda não deram conta de diagnosticar esta rede de sociabilidades na qual a professora transitou com bastante desfaçatez. Transitou entre políticos e intelectuais dentre eles se destacam Quintino de Bocaiuva (jornalista), Horário Lane⁹ (diretor do Mackenzie College), políticos Hermes da Fonseca. Esta lista se amplia quando viaja a São Paulo para angariar fundos e apoio para sua missão com os indígenas do norte de Goiás. Essa viagem lhe possibilita transitar entre grupos paulista de famílias tradicionais, em especial, as famílias que aderiram o protestantismo americano paulista instalado no início da segunda metade do século (1858) por aquelas paragens. A este grupo paulista Leolinda o homenageou com menção especial em seu livro *da Catechese dos índios do Brasil: notícias e documentos para a História* (1920) com a seguinte dedicatória:

Ao nobre e generoso povo da Paulicéa...Meu coração é gratíssimo a este povo nobre e generoso. Quando parti para as aldeias, passei por essa terra progressista, parte componente da pátria tão querida. Fui acolhida com as mais vivas demonstrações de estima, consideração e carinho, pela Imprensa e pela população. Dedico esse meu livro ao Povo Paulista, ele é dedicado também à ilustrada e independente Imprensa da Paulicéa, reflexo da opinião pública do Grande Estado (DALTRO, 1920, p.16) grifos da autora.

⁸ Sobre o ser professor na capital naquele momento, têm-se indicação que o exercício da docência e a entrada no exercício da profissão se dava de duas maneiras denominados de professores catedráticos e adjuntos. Os primeiros diplomados pela Escola Normal e os segundos, embora diplomados, eram auxiliares. Cf. Decreto Legislativo n.38 de 9 de maio de 1893. In biblioteca da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

⁹ Nascido em Readfield, Maine em 1837, Lane chegara pela primeira vez ao Brasil ainda bem jovem, no início de 1859 tendo trabalhado como professor no Rio e depois em SP. Retornou aos EUA onde se formou em Medicina para clinicar numa pequena cidade do Estado do Missouri. Foi companheiro de uma viagem Ashbel G. Simonton em 1863 [primeiro missionário protestante que se fixou no Brasil], quando este retornava ao Brasil. Lane dedicou-se ao comércio, no Rio e em Ouro Preto. Nos fins de 1884. Foi convidado para dirigir a Escola Americana. (Mattos, 1999, p.8)

Em seguida, (p.19) outra menção à memória de nomes do cenário social e político do protestantismo paulistano, dedica sua obra “À memória do Dr. Horace Lane¹⁰, a Dra. Maria Renotte, D. Veridiana Prado e aos Drs. Eduardo Prado, Garcia Redondo, João Mendes, Almeida Nogueira e Aftonso Arinos” (DALTRO, 1920 p.19). Os dois primeiros protestantes de influência na cidade¹¹, e os demais, pessoas influentes política e socialmente na cidade, herdeiros de tradicional família paulistana.

2 Da sala de aula na capital à inserção na educação dos “silvícolas”

No final do século XIX uma comitiva de indígenas da tribo “Cherente”, liderada pelo capitão Sepé, chega a capital federal, o Rio de Janeiro, buscando uma reunião com o presidente da República, com o intuito de lhe fazer alguns pedidos. Entretanto, as condições de viagem dos indígenas foram divulgadas na imprensa carioca, em especial as dificuldades que atravessaram para chegar à capital. O grupo acompanhado de seu líder Sapé, o único alfabetizado da comitiva, recebeu apoio de parte da população e a imprensa veiculou a “epopeia” destes representantes dos povos originário brasileiro.

Segundo o Jornal *OPaix* de 19 de julho de 1896:

nesta longa jornada, os indígenas perderam três companheiros, um havia desanimado da empreitada e outros dois acabaram morrendo durante o trajeto, contudo diante das intemperes não desanimaram de buscar sua conversa com o então presidente. Durante o trajeto, para a surpresa dos indígenas, eles se depararam com a boa vontade da população, pois estes nunca precisavam pedir alimentos pois os era oferecido espontaneamente.

Conforme a narrativa jornalística, após a maior parte do percurso percorrido, a polícia recolheu estes indígenas levando-os a capital federal, contudo, para a surpresa do povo cherentes, a população dita como civilizada entendia que lhes faltavam tratamento humano com o mínimo de higiene, pois o local onde estavam abrigados era impróprio, eles estavam locados em corredor úmido de prisões.

¹⁰ Em 1886 assume em São Paulo como presidente da obra Educacional o Dr. Horácio Manley Lane. No ano seguinte o departamento educacional da Brazil Mission recebe a visita de uma comissão de educadores, indicada pela Board, para verificar os êxitos dos trabalhos desenvolvidos pelos missionários presbiterianos no Brasil e a possível ampliação do projeto educacional, com a construção de uma Escola de Engenharia, para atender às necessidades técnicas do período. Horácio Lane, no ano de 1887, desloca-se para os Estados Unidos, a fim de receber a doação de 30 mil dólares, feita à Igreja Presbiteriana de New York, pelo falecido Jonh Mackenzie, para a organização de uma escola que desenvolvesse os conhecimentos tecnológicos no Brasil. Com esse recurso foi construído um edifício denominado Mackenzie, nas terras compradas ou recebidas através de doações na região da chácara do alto de Higienópolis. Cf. MINARDI, I.M. Os migrantes e missionários norte-americanos e suas contribuições nos campos educacional e do trabalho. XXII Simpósio Nacional de História – ANPUH, João Pessoa 2003.

¹¹ “O casal Chamberlain inicia a tarefa recebendo meninas de pais protestantes na sala de jantar – o local ficou conhecido por “Escolinha”, e passou a incorporar filhas e filhos de republicanos, abolicionistas, positivistas que sofriam com os efeitos da intolerância religiosa, social e étnica nas Escolas Públicas” cf. MATTOS, A.S. O colégio Protestante e os imigrantes de São Paulo: Um estudo de caso sobre o lugar da educação na estratégia missionária da Igreja. Revista Fides Reformata, v.4, n2. 1999. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/fides-reformatata/fides04-n2/> acessado em 10 de março de 2021.

Na narrativa de Leolinda¹², diante de tamanho descaso com a causa dos indígenas, o jornal “O Paiz” em visita realizada, constataram as condições higiênicas que se encontram e publicizava que estavam assolados com a situação e as condições com um deles doente.

e quando chegou lá os encontram cabisbaixos e duvidando da empreitada do capitão Sepé, um dos indígenas que acompanhava o capitão, já se encontrava enfermo. Segundo o jornal era impossível eles se apresentarem ao presidente daquela forma, eles estavam imundos e a polícia não os dava o mínimo suporte. Capitão Sépe percebendo a demora em ter seu pedido de um encontro com o presidente atendido, recebia sempre um amanhã vindo dos policiais, até quando lhe pediram roupas a resposta dada era a mesma. Diante de tanto descaso parte dos indígenas da tribo charente fugiram da prisão, ficando somente Decapsicuá, o índio que se encontrava doente e o capitão Sepé aflitos pelo sumiço de seus companheiros. Sepé queria partir, mas não antes de ter a conversa com o senhor presidente e lhe fazer pedidos de ferramentas, vestes, armas e uma escola para a tribo. Na polícia riem-se dos seus desejos, dão-lhe para dormir pedra de um corredor, respirando o hálito de criminosos; há 12 dias que promettem levá-lo ao supremo chefe, cançando-lhe a paciência; pois bem, vamos nós.¹³

Toda a vivência dos indígenas charentes na capital federal foi bastante noticiada pela imprensa da época comovendo muitas pessoas, o governo dificilmente negaria os pedidos destes indígenas, contudo poderia haver uma dificuldade em encontrar uma pessoa que abraçasse esta causa partindo para o sertão de Goyaz.

Leolinda Daltro, professora municipal da primeira escola do sexo masculino da Barra da Gavea, leitora de jornais da época se sensibilizou com o pedido dos indígenas e como educadora ofereceu seus serviços ao governo, disposta acompanhá-los nesta viagem. O jornal “Gazeta de Notícias” de 25 de julho de 1896 noticiou que ninguém melhor que uma senhora para o desempenho desta missão, o jornal ficou entusiasmado com a abnegação e o patriotismo desta brasileira que se destacava no meio dos moldes comuns.

Inicialmente a empreitada de Leolinda era bastante vangloriada, apesar do governo hesitar em enviá-la a referida missão, alegando inclusive falta de verba para a missão da professora. Leolinda tinha boas intenções e disposição para ser educadora na tribo dos índios charentes, preparava-se inclusive organizando para tal viagem, o cuidado de seus filhos, para seguir sua missão em prol do patriotismo. Todavia, o parecer do pedido lhe foi negado.

As promessas feitas para atender as demandas dos indígenas da tribo charente, não se concluíam. Leolinda Daltro, convencida desta missão com indígenas, partiu para São Paulo procurando angariar fundos para então viajar aos sertões de Goyaz, enquanto o capitão Sepé e seus companheiros de tribo a esperava em Uberaba, que era rota de retorno para sua terra.

¹² DALTRO, Leolinda Figueiredo. *Da catequese dos índios no Brasil – notícias e documentos para a história (1896-1911)*. Rio de Janeiro: Typografia da Escola Orsina da Fonseca, 1920. Jornal O Paiz, Rio de Janeiro, 11 de julho 1896

¹³Op.cit. p16.

O jornal “*A platéia*” no dia 9 de Outubro de 1896, noticiava a busca de recursos por Leolinda Dalto, publicou que até então o povo brasileiro não havia enviado o mínimo auxílio para a missão da digna professora, esta havia recebido auxílio somente de estrangeiros como Dr. Horacio Lane que era naquela época diretor da Escola Americana de São Paulo¹⁴. Dr. Lane a ofereceu uma quantia de duzentos reis em auxílio das despesas da viagem, além de dar uma mensalidade de cinquenta reis durante o tempo que a educadora estivesse lá, juntamente com livros e materiais escolares para o seu trabalho. O diretor da Escola Americana comparou as aspirações de Leolinda a missionárias norte americana, que também por recursos particulares ficou cerca de vinte anos na tribo dos *Chitons* e outra senhora que inaugurou a primeira escola entre os *Dakotas* contribuindo com sua civilização.

Outra doadora estrangeira à missão de Leolinda foi a professora Maria Renotte, uma belga residente no Brasil.

Tenho o prazer de enviar a V. S. cem mil réis para ocorrer as primeiras despesas da generosa e valente patriota D. Leolinda de Figueiredo Dalto, e comprometo-me caso o governo não a retribuir como professora, o que ignoro. de contrinuir mensalmente com uma quantia de quarenta mil réis para a continuação da nobre missão que a dita senhora se propõe encetar. Uma amiga da instrução, isto é, do povo. Maria Renotte¹⁵

Em meio a esta empreitada a professora Dalto viu sua rede de contatos ampliar-se ajudando-a com indicações de pessoas e lugares onde ela passaria, tornado assim sua viagem possivelmente menos penosa. Além do auxílio dado e da indicação de contatos pelo caminho que a educadora percorreria, entre este apoio menciona-se um dos mais importantes que veio do diretor da Escola Americana, Horace Lane, concedendo a Leolinda Dalto além do apoio financeiro já mencionado, a educação de dois de seus filhos pela Escola Americana a seu próprio custo¹⁶. A filha menor de Leolinda, ficou aos cuidados de seu amigo pessoal e padrinho da garota Quintino Bocaiuva, já a outra filha dela já era casada tendo sua própria vida. Seu filho mais velho de 21 anos, Alfredo, que na época era praticante da 1º classe do Correio em São Paulo e estudava no curso

¹⁴ Esta menção de adesão dos protestantes a causa de Leolinda tem referência na história do protestantismo no Brasil e sua ligação com a catequese dos Indígenas com a vinda de missionários americanos (linguistas e outros profissionais) para catequisar os índios e traduzir as suas línguas com a finalidade de tradução da Bíblia. Embora a origem desta empreitada seja apontada na missão Calvinista dos 4 pastores na França Antártica de Villegaignon em 1557, solicitada por ele ao próprio Calvino, o envio de pastores para lhe auxiliar na pastoral dos que vieram na expedição e na evangelização dos silvícolas, somente longo tempo depois é que podemos caracterizar um empreendimento missionária protestante entre os indígenas com a chegada em 1913 da South American Indian Mission. Seguida de maneira discreta da UnevangelizedFildsMission (UFM em 1931), e investida evangelizadora do protestantismo calvinista conservador na instalação da New TribesMission (1946) e a investida fortemente de domínio das línguas originárias com a chegada WyCliffeBibleTranslator/ Summer InstituteofLinguistics – WBT/SIL (1956). Estas são tradicionalmente ligadas ao mundo Protestante, embora hoje haja uma miríade de grupos evangélicos inseridas no meio dos povos indígenas.

¹⁵ DALTRO, Leolinda Figueiredo. *Da catequese dos índios no Brasil – notícias e documentos para a história (1896-1911)*. Rio de Janeiro: Typografia da Escola Orsina da Fonseca, 1920. p35.

¹⁶ DALTRO, Leolinda Figueiredo. *Da catequese dos índios no Brasil – notícias e documentos para a história (1896-1911)*. Rio de Janeiro: Typografia da Escola Orsina da Fonseca, 1920. “Conforme lhe disse verbalmente si o que a prende aqui é o cuidado pela sorte de seus filhos, declaro que estou disposto a recebê-los na Escola Americana, que dirijo, nas mesmas condições em que estão no Collegio Universitário do Rio de Janeiro.” Horace M. Lane. P. 65.

anexo da Faculdade de direito, tentou-a fazê-la desistir desta empreitada, contudo sem êxito, decidiu-se, pois, acompanhá-la, pedindo licença de seu emprego, que mais tarde seria demitido por abandono do emprego. Sobre esse episódio, Leolinda faz uma mea-culpa com um pedido de perdão na primeira página do livro publicado (DALTRO, 1920, p. V e VI.)

Abaixo indicamos uma imagem do livro de contabilidade da campanha dirigida por Horace Lane e o considerável apoio, angariado por Lane, para a missão de Leolinda. Na lista fica demonstrado a forte rede de sociabilidades com grupos da sociedade paulista, em sua maior parte composta de estrangeiros, certamente ligados aos protestantes em São Paulo.

Publicamos abaixo as quantias até hoje angariadas, entre as quaes figura o nome do distincto professor da Escola Americana, Dr. Horace Lane, que tem posto ao serviço desta nobre iniciativa todo o desvelo d'uma poderosa vontade.

Exma. Sra. D. Maria Antonia da Silva Ramos	200\$000
Exma. Sra. D. Elza C. de Mello.	50\$000
As professoras da Escola Americana.	50\$000
Miss. Fanny Lane.	50\$000
Madame Yunker	10\$000
Herman Burchard	100\$000
Tanorden & C.	100\$000
Dr. Cerqueira Cesar	50\$000
Dr. Ramos de Azevedo.	50\$000
A transportar.	660\$000

— 46 —

Transportada	660\$000
Dr. Carlos Shalders	50\$000
P. Lupton	50\$000
T. W. Kempster	50\$000
W. A. Waddell.	50\$000
Major Gabriel Precates	50\$000
Estudantes da Mackenzi	60\$000
E. Esteidel	25\$000
A. F. Shaw	20\$000
I. L. Colbert	10\$000
H. M. Lane	175\$000
Entregue á «Platéea»	200\$000
Cheque junto, sobre o Banco Mercantil	1:000\$000
Da Escola Americana :	
Uma caixa de material escolar	96\$000
Instrumentos	120\$000
Total	2:616\$000

A euforia inicial pela empreitada da professora Daltro havia passado para muitos, com isso, cidadãos brasileiros a todo custo tentavam fazer com que a educadora desistisse da sua missão. Uma dessas pessoas era Veridiana Prado¹⁷, que a enviou uma carta argumentando que muitas pessoas assistiram a despedida de Leolinda com seus filhos e no auge da dor como mãe estaria arrependida. Veridiana Prado lhe ofereceu uma quantia de dez mil réis para que Lelolinda Daltro voltasse a sua escola e sua casa no Rio de Janeiro para assim concluir a educação de seus filhos. Ainda, nesta carta a educadora recebeu críticas por deixar dois de seus filhos a cuidado do Sr. Horacio Lane na Escola América, pois esta era uma escola protestante e ela acreditava que Leolinda

¹⁷ DALTRO, Leolinda Figueiredo. *Da catequese dos índios no Brasil – notícias e documentos para a história (1896-1911)*. Rio de Janeiro: Typografia da Escola Orsina da Fonseca, 1920. p.76.

por ser aparentada de Dom Antônio de Macedo Costa não colocaria os filhos em uma escola como aquela.

Outros amigos também não queriam que ela corresse riscos com esta empreitada. Em uma carta, Almeida Nogueira relata que Dr. João Mendes, Eduardo Prado, Dr. Eduardo Reis e Garcia Redondo estariam muito preocupados. Almeida Nogueira ainda argumenta que o presidente Dr. Campos Salles havia mostrado a ele uma carta de Quintino Bocaiuva na qual pedia para de algum modo ele cessar a animação da imprensa paulista como ele havia feito no Rio de Janeiro, com o objetivo de não encoraja-la. A todo momento tentavam desencoraja-la mencionando seus filhos que ainda precisavam ser criados.¹⁸

Contudo, Leolinda de Figueiredo Daltro possuía apoio de muitos entusiastas, diziam que o objetivo dela era importante e altruísta, que civilizar um povo selvagem é fazer uma nação.

Avante! Avante! D. Leolinda, completai a obra que aos nossos patrícios repugna por verem-n'adifícil, e provae em tempo que do excesso de pusilanimidade existente nos nossos homens procede a sombra de patriotismo que Deus vos incutiui n' alma.¹⁹

Muitos consideravam Leolinda Daltro como uma heroína, uma patriota, uma carta recebida por ela de Francisco Lopes de Moraes, negociante do estado de Morrinhos em Goyaz, na qual o próprio diz se curvar submisso aos pés da educadora por ela ser uma extraordinária heroína. Francisco Lopes ainda a compara com Joanna d'Arc, dizendo-lhe que ela se immortalizara na história assim como a própria Joanna d'Arc.

Durante sua viagem Leolinda Daltro sofreu todos os tipos de percalços, foi inclusive acusada do roubo de três animais no pasto de um senhor chamado Barbosa, contudo uma amiga da educadora, Julieta Camargo, afirma ter recebido informações sobre um cacheiro viajante que havia desmentido a história do possível roubo cometido por Leolinda Daltro.

Enfim, a proposta de catequese laica da profa. Leolinda encontrou em sua jornada grande resistência, os frades cristãos, Frei Gil e Freia Antônio Ganges há perseguiram tentando até matá-la.

Hodiernamente, porém, essa catechese de índios por padres ou frades christãos é nada mais do que uma escandalosa chantagem, como posso eu mesma provar, tendo sido desses abusos testemunha presencial, e, ainda mais, uma victima!²⁰

¹⁸ É notória a preocupação demonstrada por sua ampla rede social quando se fala da empreitada junto aos indígenas, por mais que Leolinda Daltro estivesse segura quanto seus objetivos junto aos herentes seus amigos temiam por sua vida.

¹⁹DALTRO, Leolinda Figueiredo. *Da catequese dos índios no Brasil – notícias e documentos para a história (1896-1911)*. Rio de Janeiro: Typografia da Escola Orsina da Fonseca, 1920. p.79.

²⁰DALTRO, Leolinda Figueiredo. *Da catequese dos índios no Brasil – notícias e documentos para a história (1896-1911)*. Rio de Janeiro: Typografia da Escola Orsina da Fonseca, 1920.p551.

Em meio a este turbilhão de apoio e crítica, a educadora iniciou severas críticas a catequese promovida por estes frades, dizia que, quando realizada, era tão somente para organizar aldeias e povoações exclusivamente cristãs, formando uma população de analfabetos supersticiosos em um lugar propenso a ignorância e a criminalidade.²¹

Em meados de 1889, a população de São Sebastião de Piabinhas, distrito da cidade do Porto Nacional, protocolou uma declaração feita por indígenas, alegando que estes vivem em um estado de miséria e desejando que a Profa. Leolinda de Figueiredo Dalto como diretora dos índios, visto que ela percorreu várias aldeias cuidando de suas doenças e ensinando-os a conhecer a civilização. Contudo este pedido não foi atendido, mesmo que estivesse fazendo a diferença a estes indígenas.

Já no fim de sua viagem, na volta ao Rio de Janeiro²², o Gabinete do Presidente de Goyaz solta uma nota onde argumenta que mesmo com seus esforços Leolinda Dalto não havia cumprido totalmente o que havia desejado inicialmente e que talvez no Distrito Federal não a avaliaram pela quantidade de energia e sacrifício investido pela educadora.

A pedido de Leolinda várias pessoas documentaram o que viram da viagem e levaram estas documentações para o reconhecimento de um Tabelião, como fez Felicissimo do Espírito Santos, dia 7 de julho em Goyaz, no ano de 1900.

Atesto sob palavra de honra que Sra. D. Leolinda de Figueiredo Dalto, que veio a este Estado com a missão de catechisar os índios selvagens existentes nas margens do Rio Araguaya e Tocantins, tem empregado todos os meios a seu alcance para levar a efeito a sua missão, não se poupando aos pesados sacrifícios de viagens por sertões inóspitos, com perigo de sua própria vida, por vezes ameaçada por pessoas mal intencionadas e fanáticas; observando ao mesmo tempo, conducta exemplar, que a torna digna da sympathia e admiração perante a sociedade.²³

Já no Rio de Janeiro, no ano de 1902, Leolinda se viu obrigada a lançar uma nota²⁴ a público, pela chegada de outros indígenas na então capital federal, pois a narrativa de alguns meios de comunicação não traduzia a chegada destes indígenas como de fato ocorreu.

²¹ AndreLorenço Rodrigues, Juiz de direito da Comarca do Porto Nacional, argumenta “No meu pensar de sertanejo, que sou, intendo que a civilizaçãoCherentes, como de qualquer outro selvícola não é impossível, mas que é de absoluta necessidade a bôa de Directores, que nem sempre estão ao lado civilizador e sim da exploração.” DALTRO, Leolinda Figueiredo. *Da catequese dos índios no Brasil – notícias e documentos para a história (1896-1911)*. Rio de Janeiro: Typografia da Escola Orsina da Fonseca, 1920. p.153

²²Os jornais veiculam abundantemente o retorno de Leolinda ao Rio de Janeiro e sua missão entre os indígenas, dentre eles se destaca Gazeta de Notícias, Jornal do Brasil, Correio da Manhã, Jornal do Commercio, A Cidade do Rio, A Notícia, O Dia, O Paiz e A Tribuna, sendo os três primeiros os que publicaram o maior número de matérias. A fonte é o livro que reúne estes documentos na segunda parte da obra. (DALTRO, Leolinda Figueiredo. *Da catequese dos índios no Brasil – notícias e documentos para a história (1896-1911)*. Rio de Janeiro: Typografia da Escola Orsina da Fonseca, 1920, iniciado na p. 383 ss.

²³DALTRO, Leolinda Figueiredo. *Da catequese dos índios no Brasil – notícias e documentos para a história (1896-1911)*. Rio de Janeiro: Typografia da Escola Orsina da Fonseca, 1920. p290

²⁴ Carta presente no livro escrito por Leolinda Dalto, *Da catequese dos índios no Brasil – notícias e documentos para a história (1896-1911)*. Rio de Janeiro: Typografia da Escola Orsina da Fonseca, 1920. Nomeada como “Ao Público” p.403 a 408. Feita no dia 22 de setembro do ano de 1902. É neste documento também que Leolinda Dalto expõe o amparo que a mesma deu aos indígenas enquanto estavam em sua casa e a falta do recebimento do auxílio pedido à polícia.

Desde sua chegada Leolinda se mantinha na busca de recursos para poder voltar as margens do Tocantins e Araguaya e realizar o compromisso firmado com os indígenas. Em meio a essa disputa de narrativa sobre os estes representantes dos povos originários do Brasil ela encontrou-se com os grupos *cherente e caraó*, que vieram com a missão de levar a professora a conselho de seu antigo amigo Capitão Sepé. Frente as dificuldades corriqueiras de hospedagem, situação vivenciadas por indígenas quando chegavam à capital (hospedados em repartições policiais), Leolinda, após permissão concedida pelo delegado de política, abriu-lhes a porta de sua casa, hospedando-os, todavia, recorreu ao serviço público para auxilia-la nas despesas, uma vez que parte do grupo (oito) se encontravam enfermos.

Os indígenas tinham a intenção de regressar ao sertão de Goyaz, contando com a presença de Leolinda Dalto, que só poderia acompanhá-los mediante licença e permissão do prefeito ou do Conselho Municipal, na qualidade de funcionária pública.

Esta empreitada levou Leolinda angariar frutos políticos. Em 1906, nos Salões do Casino Hesperhol foi realizada uma assembleia da criação de agremiação chamada “Grêmio Patriótico D. Leolinda Dalto”²⁵ na qual estiveram presentes presente um significativo número de pessoas que participavam da rede de sociabilidades da professora e de pessoas interessadas na causa indígena. A associação tinha como princípios básicos a incorporação dos “selvícolas” à sociedade republicana. Também foi criada neste mesmo ano a “Associação de Proteção e Auxílio dos Selvicolas do Brasil”, que tinham como presidente a própria Leolinda de Figueiredo Dalto

A causa indígena tomava corpo na rede de sociabilidades da professora. Em novembro de 1908 a *Oaci-Zuaré*²⁶ dos Cherentes proferiu um discurso na associação dos empregados no Commercio do Rio de Janeiro no qual a educadora compara a situação do indígenas a dos escravos dizendo:

Si hontem todo nos erguemos indignados ante a injustiça secular da escravidão dos africanos, porque, senhor, conservar-mo-nos hoje criminosamente indiferentes ante a sorte destes brasileiros, tão dignos de nossa estima, tão dignos de nossa proteção! Perseguidos através das florestas, despojados de suas propriedades, expulsos de seus lares, eles assistem apavorados ao extermínio de sua raça.²⁷

Neste discurso, Leolinda, ainda argumenta que são os brasileiros os culpados dos sofrimentos causados a estes filhos da floresta brasileira, e conclamando o povo para que tome sob proteção esses infelizes irmãos do Brasil. Com indígenas ainda sob sua proteção, no ano de 1910,

²⁵ O Grêmio Patriótico D. Leolinda Dalto virou notícia de grandes jornais da época (“O Paiz”, “Gazeta de Notícias”, “Correio da Manhã” e “Jornal do Commercio”) no dia 29 de outubro de 1906.

²⁶ É o nome indígena de Leolinda como a conheciam os Xarentes. Significa *Estrela D'alva*. A professora Paulette M.C dos Santos usou este termo para dar título em seu artigo na Revista Latinoamericana de Historia da Educação (Rhela) Cf. [Rev.hist.educ.latinoam. vol.18 no.26 Tunja Jan./June 2016.](https://doi.org/10.19053/01227238.4364)

<https://doi.org/10.19053/01227238.4364>

²⁷DALTRO, Leolinda Figueiredo. *Da catequese dos índios no Brasil – notícias e documentos para a história (1896-1911)*. Rio de Janeiro: Typografia da Escola Orsina da Fonseca, 1920. p503.

recebeu comunicados²⁸ pedindo para estes comparecerem a Repartição de Protecção aos Selvicolas, anexa ao ministério da Agricultura, que por intermédio da Policia os obrigaram a voltar para suas aldeias no estado de Goyaz.

Ainda sobre esta questão, quando da criação do Serviço de Protecção aos Selvicolas Brasileiros, o Jornal do Commercio, noticiou que este descaso não passou despercebido pela população. Nesta reportagem²⁹, o referido jornal, trata que parte da luta de Leolinda pelos indígenas, exaltando-a, pois, além de deixar os seus filhos a cuidados de outro pra seguir essa missão ainda sofreu todos os tipos de percalços incluindo atentados contra sua vida.

Estas notas da luta em prol dos povos originários na trajetória da educadora, assim como em outras bandeiras hasteadas pela própria, foram esquecidas ou melhor dito, olvidadas na historiografia oficial, hoje retomada pela pesquisa nas várias dimensões da vida social nas quais ela atuou. Da Cathequese indígena e em sua luta pelo resgate da dignidade dos povos originários da terra *brasilis* se conecta com sua luta pelos direitos da mulher na educação, no voto e nos direitos todos que a República exalava.

3 Da Catechese indígena à luta pelos direitos da Mulher

Desde sua volta Leolinda Daltro almejava o cargo de diretora dos indígenas, mas disso foi impedida, pois à época a mulher era considerada incapaz para o exercício de cargo e funções desta natureza. Todas essas lutas a leva para as lutas em prol dos direitos da Mulher e funda o partido republicano feminista (PRF).

As fissuras provocadas por esses movimentos de emancipação política e social da mulher são acolhidas na legislação da republica, não sem uma acirrada disputa de narrativas conservadores da tradição social, patriarcal e escravocrata e, de certa maneira, colonial. Dentre estas disputas destacamos a que se refere a criação do código civil na jovem república brasileira. O código civil de 1916 procurou abrir-se a esses direitos, possivelmente impelidos pelos discursos já dos movimentos feministas, dentre eles o de Leolinda e do partido republicano feminista, criado por ela. O debate em torno deste código foi intenso.

O projeto de lei de autoria de Clovis Bevilacqua apresentado a câmara era progressista em relação a mulher, e conforme a literatura jurídica, ele já vinha se arrastando de longa discussão e debate a respeito da necessidade de um código civil brasileiro, desde os primeiros anos da República. Rui Barbosa foi um dos seus ferrenhos opositores. Assim, quando apresentado à

²⁸Leolinda Daltro recebeu o comunicado da 3ª Delegacia Auxiliar da Polícia do Distrito Federal no dia 28 de dezembro de 1910.

²⁹DALTRO, Leolinda Figueiredo. *Da catequese dos índios no Brasil – notícias e documentos para a história (1896-1911)*. Rio de Janeiro: Typografia da Escola Orsina da Fonseca, 1920. p.597. Jornal do Commercio, 10 de julho de 1910.

Câmara, por uma manobra de astúcia de Rui Barbosa, fragilizou o pequeno intento de Bevilaqua em ampliar os direitos à Mulher conforme narra Salgado (2012 s/p)

No Parecer Rui Barbosa não apenas altera a linguagem, mas chega a alterar também o que Bevilaqua ou mesmo a Câmara dos deputados procurava expressar. Ao analisar artigo por artigo do projeto da câmara, Rui critica e modifica a redação, fazendo uma espécie de novo código. No art. 2 do livro I que trata das pessoas, o projeto da câmara vinha com o seguinte texto: “Todo ser humano é capaz de direitos e obrigações na ordem civil”, e Rui propunha alterá-lo para “Todo homem é capaz de direitos e obrigações na ordem civil”. A alteração proposta é trocar a expressão “ser humano” para a expressão “homem”, e argumentava o senador que a palavra homem expressaria todo ser humano, dizendo: “Haverá ser humano, que não caiba na expressão geral da espécie homem?”. Barbosa cita para reforçar seu argumento alguns códigos civis que se utiliza da expressão homem. Essa alteração de Rui Barbosa foi acatada e o Código Civil foi impresso com a expressão “homem”, para o desgosto de muitas feministas que vêem(sic) com muito mais simpatia a expressão “ser humano”, pois ela não esconde a mulher, sob a expressão homem. O projeto do código tinha uma dimensão de valorização do gênero que não estava apenas no artigo 2, mas modificava o status da mulher como inferior, trazendo alguns ganhos em especial no direito de família. Logo pode-se supor que essa expressão no art. 2, não fora colocada a toa. A alteração de Rui parecia para ele gramatical, pois não levava em conta essa necessidade de aclarar o novo status da mulher. As palavras expressam valores, idéias, pontos de vista, status social, poder, daquele que fala e sua alteração não é mera troca por sinônimos, é uma troca de valores. Assim, Rui interfere em um dispositivo e este pequeno ponto, como tantos outros, levarão a mudanças do projeto (2012.s/p)

Mônica Karawejczyk argumenta que esta negativa teria sido como uma *mola propulsora* que levou Leolinda Dalto a refletir sobre a situação de inferioridade da mulher perante a sociedade brasileira buscando mudar este cenário.

Leolinda Dalto reuniu um grupo de mulheres, que incluía sua filha Aurea Castilho Dalto, em busca da emancipação feminina e criaram a Junta Femil Pro Hermes Wenceslau, no ano de 1909. Em sua sessão de fundação a professora Dalto fez um cativante discurso onde falava da união das senhoras brasileiras e de sua negativa em ser diretora dos indígenas por ser mulher.³⁰

Leolinda ainda argumentou em seu discurso que se uma mulher prestou um serviço que até então nenhum homem se prestou a fazer (Ir as aldeias no Sertão de Goyaz em prol da educação dos indígenas) a essa mulher não deveria ser negado um cargo na qual ela havia dado provas de sua competência. “A mulher tinha provocado competência para o cargo; mas o regime oficial e burocrático creava como entrave a nomeação, a condição do sexo da candidata” (DALTRO;1918).

As mulheres fundaram um Club feminino, que mais tarde se tornaria o Partido Republicano Feminino (1910), segundo Mônica Karawejczyk, elas possivelmente inauguraram a primeira manifestação em prol da emancipação feminina. Por mais que o PRF (Partido Republicano Feminino) se compunha unicamente de mulheres, estas não tinham direitos políticos, Leolinda e suas seguidoras se infiltravam em lugares que, naquela época eram ditos somente para homens, para divulgar seus ideais e serem ouvidas. Uma das suas maiores lutas enquanto diretora do PRF

³⁰ DALTRO, Leolinda Figueiredo. *Início do Feminismo no Brasil. Subsídios para a História*. Rio de Janeiro [s/n] 1918

era pelo direito do voto das mulheres, contudo isso só ocorreu muitos anos após a sua criação, no ano de 1932.

Dalto procurava o apoio dos políticos da época para sua cauda, se aproveitando da aproximação de figuras políticas masculinas de destaque para dar visibilidade aos atos do partido em suas manifestações públicas, como atestam várias matérias encontradas nos jornais do período.³¹

Leolinda de Figueiredo Dalto era comparada as ditas radicais *suffragettes* inglesas, pois estas colocavam seus corpos a serviço da causa em prol da emancipação feminina, comparecendo em todas as solenidades cívicas da capital federal juntamente com suas associadas. A professora Dalto chegou até a ser chamada pela imprensa como a *Miss Pankburts brasileira*, por seu modo de defesa do sufrágio.³² Conforme nos indica Bueno(2019) Leolinda participou intensamente dessa disputa de narrativas e por isso a imprensa foi um dos veículos importantes para a voz das sufragistas brasileiras, das quais a Professora Dalto é uma das protagonistas deste movimento.

Ressignificados por grupos dominantes de mulheres, esses movimentos feministas tiveram uma ampla visibilidade na imprensa. A imprensa fluminense dos anos iniciais do século XX é abundante de exemplos de tentativas de associativismo feminino/feminista. Nas páginas de jornais como O Paiz (RJ), Correio da Manhã (RJ), Careta (RJ) e Revista da Semana (RJ), entre outros, os movimentos são adjetivados e recebem o apoio ou a oposição de homens e mulheres do período. Mulheres são advertidas sobre os perigos do —mau feminismo, do risco dos excessos e da inversão de papéis sociais (BUENO, 2019 p.74).

4 Uma proposta educativa: Laica, pública e republicana

Leolinda de Figueiredo Dalto ressalta sua luta e militância respaldadas pela própria natureza da sua profissão – Professora. É destacado por todos os que estudaram suas atividades, o realce que deu a sua função de educadora. Não seria possível estudá-la somente por sua inserção política, embora concordamos com Paulo Freire que a educação é um ato político, se não dermos destaque em sua obsessão por uma educação comum para todos, laica e pública, na primeira república.

Desde muito nova Leolinda Dalto já exercia sua profissão como educadora, tanto que aos quinze anos já estava lecionando pelos sertões baianos, chegando à capital Federal não foi diferente, logo se empregou como professora na escola pública, como argumenta Elaine Pereira Rocha (2002).

³¹ KARAJEJCZYK, Mônica. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda de Figueiredo Dalto. Estudos Ibero-Americanos, vol.40, núm. 1, enero- junio, 2014.p 72.

³² No artigo “As filhas de Eva querem votar: A Luta em prol do sufrágio feminino no Brasil”, Mônica Karajejczyk argumenta que o modo de feminismo de Leolinda Dalto não era bem visto, no seu texto, compara a professora à Bertha Lutz, que foi uma mulher que também lutou pela emancipação feminina contudo não gozava da mesma perseguição sofrida por Leolinda.

Leolinda defendia que o programa pedagógico da época era deficiente e se resumia somente em leituras, gramática e as operações básicas da aritmética. Para contrapor isso, a professora Daltro, decidiu ampliar este plano, mesmo não sendo de forma oficial. A educadora previa em seu plano o ensino de Artes e Profissões, além das matérias já incluídas para que os saindo da escola os jovens obtivessem um trabalho e meios de subsistência de forma mais fácil.³³ Embora como professora/educadora, Leolinda Daltro ainda é pouco conhecida.

Quando estava regendo a Escola mista de Santa Izabel no Matadouro de Santa Cruz, a professora recebeu a visita do conde e da princesa imperial acompanhados dos Coronéis Floriano Peixoto, Pinto Peixoto e Major Travassos, que foram visitar as aulas de Artes e Profissões e assistiram aos exercícios de ginástica, ficando satisfeitos com o que presenciaram e ofereceram um livro de ouro onde nomearam uma página de honra lançando suas ótimas impressões sobre a visita.³⁴ De certa maneira, teve seu trabalho de professora e suas concepções pedagógicas, apreciadas pelas autoridades desde muito cedo.

Sempre tentando aprimorar seu plano educacional, a professora introduzia novos meios para preparar os alunos para os exames, levando-os a grandes festas nacionais, passeios campestres, idas a Museus e exposições.

Em todas as festas oficiais, principalmente as comemorativas da Independência de nossa Pátria e da Fundação da Cidade do Rio de Janeiro, sempre a minha escola se apresentou, destacando-se, pela estética e pela ordem.³⁵

Mesmo sendo transferida para o Engenho de Dentro, a professora continuou ministrando aulas no Matadouro Santa Cruz em um curso noturno gratuito onde lecionava para crianças que não podiam frequentar aula durante o dia, por trabalharem com os pais no Matadouro (uma espécie de EJA da época). Leolinda ainda foi transferida outra vez (Praia Pequena), porém continuava com o curso noturno, na qual tinham a presença de sessenta e quatro operárias, que mais tarde se tornariam profissionais graças a escola, duas como professoras catedráticas, algumas floristas e modistas. Sendo que estes cursos eram oferecidos gratuitamente fora do programa oficial, mantidos pela própria professora. Leolinda tinha uma prática educativa para além do currículo oficial.

Em 1918, Leolinda Daltro, junto com o Partido Republicano Feminino, inaugurou uma escola popular no Campo da Aclamação, segundo o Jornal “A noite”, em uma notícia publicada

³³ROCHA, Elaine Pereira. *Vida de Professora: Ideias e Aventuras de Leolinda de Figueiredo Daltro durante a primeira República*. Revista Mundos do Trabalho.vol. 8. n. 15 janeiro-junho de 2016. p. 29-47

³⁴ROCHA, Elaine Pereira. *Entre a pena e a espada: a trajetória de Leolinda Daltro (1859- 1935) – patriotismo, indigenismo e feminismo*. 2002. 355f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo- São Paulo. p67.

³⁵DALTRO, Leolinda Figueiredo. *Início do Feminismo no Brasil: subsídios para a história*. Rio de Janeiro: Tyo. Da Escola Orsina da Fonseca, 1918. p5.

no dia 15 de julho do mesmo ano, “esta será a primeira escola popular fundada pelo PRF e ainda expõe a necessidade da difusão do Ensino Popular”.

Um das importantes ações do PRF, junto com a professora Dalto, foi sem dúvida a Escola de Artes e Profissões Orsina da Fonseca, nomeada com o nome da mulher do então candidato a presidente Hermes da Fonseca e instalada no prédio n.387, da Rua General Câmara, no Rio de Janeiro. A escola foi fundada dia 12 de outubro de 1910, que já no ano seguinte beneficiava cerca de 1.500 senhoras e senhoritas.

Fazia parte do programa curricular desta escola, considerada com currículo inovador, aulas de Português, Frances, Inglês, Alemão, Esperanto, aritmética, geometria, física, química, botânica, zoologia, geografia, educação física, história do Brasil, higiene, literatura, lógica, educação cívica, desenho linear, caligrafia, estenografia, datilografia, escritura mercantil, teoria musical, piano, bandolim, violino, cythara, canto, desenho, pintura japonesa, pirogravura, costura, corte sob medida, bordados brancos, a matriz, a missanga e a ouro, confecção de flores, de chapéus e de espartilhos e trabalhos manuais de agulha.³⁶

O Sucesso e o desenvolvimento que tem tido a Escola Orsina da Fonseca, desde o seu início é, por cento, uma sólida garantia doseu futuro, que se tenha claro e nítido como uma instituição útil e duradoura.³⁷

Já no ano de sua inauguração, a Escola Orsina da Fonseca, enfrentou alguns problemas com as autoridades. Álvaro Baptista, quando assumiu a Fazenda Municipal, encontrou vários materiais fornecidos a Escola Orsina da Fonseca e em seu exercício questionou a legalidade do funcionamento desta escola pedindo a professora Leolinda Dalto, que lhe entregasse os materiais de almoxarifado e a chave do sobrado onde ela funcionava. O assunto fora resolvido após um telegrama do Cattete, com a informação que o Marechal desejava inaugurar a escola. Leolinda entendia que as dificuldades tinham endereço político e em especial por que a escola ostentava o nome da esposa de Hermes da Fonseca.

Apesar de sofrer muitas investidas políticas, Leolinda Dalto era vista por muitos como patriota, republicana, tanto pela sua audaciosa missão com os indígenas, quanto pela criação do Partido Republicano Feminino, quanto por sua trajetória coroada por ações educativas em prol das órfãs e meninas operárias que não tinham a possibilidades de estudos diurno, em sua missão de educadora do Distrito Federal. A professora Dalto elegeu a causa das mulheres e sua emancipação (animada por sua trajetória de vida) da Mulher. E, por isso, de acordo com o ideário republicano - a educação da mulher seria a chave para que pudessem exercer sua cidadania como o direito que

³⁶Jornal A Faceira (RJ) – 1911/ Edição 0005. Visto em: <http://memoria.bn.br>

³⁷Jornal A Faceira (RJ) – 1911/ Edição 0005. Visto em: <http://memoria.bn.br>

ainda à época lhes era negado, tais como: candidatar-se a cargos públicos, votar, além do direito de defender seu país. Com esse ideal, a educadora, chegou a criar uma “linha de Tiro Feminino”, episódio este pouco explorado na biografia da professora.

Em 1918, o país passou por uma grande dificuldade, e Leolinda tentou ao máximo ajudar no que podia, neste ano o país estava enfrentando sérios problemas sanitários, vivendo em meio a grande epidemia que atingia boa parte do mundo, a *gripe espanhola*. Como noticiou o Jornal “A Razão”³⁸, publicava que a professora Daltro colocou à disposição a Escola Orsina da Fonseca, a fim de transformá-la em Enfermaria, juntamente com o corpo de enfermeiras da referida escola, que contava com cerca de vinte senhoras. Parece que as ações de Leolinda, seja no projeto social, educacional e político sempre se afirmou no sentido de igualdade de direitos e para isso deveria romper-se as diferenças de gênero (ainda que à época compreendido na sua concepção binária).

Após a instalação deste posto médico, a professora Daltro teve de encarar as dificuldades advindas com a crise sanitária a falta de verbas para medicamentos e alimentos para famílias desamparadas que buscavam amparo na Escola.

O posto de socorros, instalado na Escola Orsina da Fonseca, pela professora d. Deolinda Daltro, prestou a milhares de enfermos e necessitados, vítimas da actual epidemia, serviços extraordinários e que não continuam a beneficiar agora, com intensidade, pela falta de medicamentos, de gêneros, de auxílios pecuniários, lamentavelmente negados pelo governo e pelas autoridades encarregadas de acudir a população nesta angustiosa quadra.³⁹

O signo da luta por recursos para os seus projetos foi sempre uma lida presente. Como diretora fundadora da Escola Orsina da Fonseca no ano de 1913, a educadora requereu à prefeitura obras na estrutura da escola para dar conta das questões de Higiene, ainda mais complexo que o referido problema, conforme publica o Jornal “A noite” em 19 de janeiro de 1916: “a Escola Orsina da Fonseca recebeu um comunicado que teria oito dias para desocupar o local onde funcionava a escola para a então instalação de um almoxarifado da prefeitura”. O despejo foi uma grande surpresa e fez com que jornais como “O Século” fizessem grandes críticas, denominando de ingratidão para com quem tantos favores espalharam para a pátria, chamando a professora Leolinda Daltro de heroína.

Na matéria publicada pelo Jornal “O Século” diversas hipóteses foram levantadas para o governo tomar a decisão de fechamento da Escola, contudo nenhuma das alternativas levantadas esclarecia a motivação para o despejo. Alegava a imprensa que mesmo não sendo uma Escola Municipal oficial, entende-se que, por menos que se ensine o currículo oficial, uma escola sempre

³⁸Jornal A Razão (RJ) – 1918/ Edição 00676. Visto em: <http://memoria.bn.br>

³⁹Jornal A Razão (RJ) – 1918/ Edição 00683. Visto em: <http://memoria.bn.br>

prestará serviços à educação. Além de considerar que não havia crise econômica na prefeitura o que poderia entender a decisão tomada. Porém, com sua significativa rede de sociabilidade os contatos políticos de Leolinda e sua rede de sociabilidade, a municipalidade revogou tal decisão e a Escola Orsina da Fonseca não foi despejada.

Parece ter sido a Escola Orsina da Fonseca um laboratório de projetos. No ano de 1926, foi inaugurado pela educadora o primeiro grupo de escoteirismo feminino, este grupo tinha o intuito de todos os dias praticar alguma ação generosa, contribuindo com a pátria e a todos que ela representa. Mesmo enquanto diretora da Escola Orsina da Fonseca, Leolinda Daltro conciliava outros projetos para educação na capital da República, junto com o Partido Republicano Feminino, fundou a primeira Escola Popular em 1918, que em sua inauguração contou com a presença de grandes nomes da República. Funcionou no jardim do Campo da Aclamação, sendo a primeira de várias outras prometidas pelo PRF. Nestes atos ou projetos educacionais, Leolinda demonstram que sua rede de sociabilidades foi superior ao primeiro momento de sua chegada à capital.

No salão da escola funcionou também a Escola Noturna —Nascimento Silva, que foi inaugurada em 1922 e na qual estudavam —[...] alunos, na sua maioria operários. Segundo as palavras de Leolinda Daltro, a referida escola havia conseguido ser —[...] útil a instrução pública, pois que, foram matriculados 322 alunos de um e de outro sexo, nacionais e estrangeiros, na sua maioria analfabetos (Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1922, p.7). Cabe ressaltar que a iniciativa da Escola Orsina da Fonseca esteve, desde sua fundação, diretamente vinculada ao Partido Republicano Feminino e que a sede do partido funcionava no mesmo prédio (Bueno, 2019, p 136)

À maneira de conclusão:

Encerramos estas notas, naturalmente, em sua maior parte colhidas em seu próprio livro que na verdade, é quase um diário de campo e suas peripécias político-sociais em meio a uma sociedade extremamente fechada com atuação restrita da mulher em poucos setores e sempre dirigida por homens. Sem dúvida, pela trajetória de Leolinda de Figueiredo Daltro, é possível compreender sua singularidade no seu tempo e nos seus projetos. Para não cair em anacronismo não falamos da categoria Gênero nestas notas apresentadas, mais numa leitura deste campo, a professora, objeto de nossas notas de sua trajetória, pode ser considerada precursora, ainda que o seu total esquecimento, ou silenciamento na história do feminismo pátrio tenha outras explicações que não são temas destas notas.

O posicionamento laico na educação o leva a pesadas dificuldades com a Religião oficial, em especial, por seu acercamento ao protestantismo paulista, (que entendo ser esse um tema a ser melhor analisado em sua bibliografia), quando de sua empreitada para a viagem missionária de catequese indígena.

Seu posicionamento político liberal na construção de um pensamento republicano, no sentido dos direitos a todos e por isso sua concepção de Estado rompe com a concepção do mérito por estamento ou qualquer outro direito, para lutar por igualdade de direitos à cidadania, seja este sujeito, mulher, indígena, operário, despossuídos de direitos, pode ser concebida como uma concepção republicana do estado de direito democrático.

Todos estes elementos ligados, ao que Rocha (2016) chama de carisma oriundo da sua formação primeira no interior do colégio religioso das irmãs do colégio Sagrado Coração de Jesus, ou sua proximidade com o ideário positivista, bastante próximo dos intelectuais republicanos que secundarizava o catolicismo pátrio, como Bueno (2019) aponta em sua tese a proximidade da professora Daltro com positivismo por meio do currículo de sua escola, em especial a educação Estética "...pelo número de disciplinas voltadas à arte, é possível apontar, [...]que dentro do ideário positivista, ao qual a intelectual esteve alinhada, a estética teria como função a construção de habilidades ligadas à imaginação artística, que tinha como base a razão e por inspiração o sentimento, para que por meio dos dois se chegasse à razão" (p.133). Enfim, os elementos aqui neste ensaio nos permitem olhar a trajetória educacional, político e social, da educadora por meio de redes de sociabilidades, como uma Mulher que é percussora de vários temas, até aquele momento pouco debatido ou referenciado.

O revigoramento dos estudos no final do vinte sobre sua trajetória tem nos colocado na mesma linha de Iveta Ribeiro que já na década de 30 expressou esse sentimento de apagamento ou esquecimento de todo seu ideário republicano que a educadora busca ao inserir grupos excluídos na cidadania republicana.

(...) Esquecida -por nós, a professora Leolinda Daltro, que ve hoje, da sombra de que a nossa vaidade a cercou, todos os seus sonhos realizados è todosos seus exemplos seguidos.! já ninguém hoje ri das "Bandeirantes" ou das "Escoteiras", uniformizadas militarmente!... já ninguém ridicularisa hoje, as "feministas" destemidas que vencem pelo saber e pela vontade! E tudo è obra dessa mulherexemplo! Foi ella quem lançou a somente de ouro na terra fértil! . Que o grito de alarme deBenjaminCostallat seja ouvido por todas as mulheres do Brasil, e que a abnegada heroína nacional possa receber em vida as homenagens entusiasticas da collectividade feminina da agora como premio de seu valor inconfundível! Será uma tardia Justiça; porém, mesmo assim, justiça feita ao muito que fez, e faz ainda, em prol da mulher brasileira! Iveta Ribeiro. Justiça Tardia. Correio da Manhã, 20 de Julho de 1930, p.4. Disponível em http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1930_10913.pdf. Acessado em 5 de maio de 2021.

Finalizamos essas notas considerando que esse estudo sobre a trajetória de Leolinda de Figueiredo Daltro também se inscreve na linha da História da Mulher, na perspectiva do que aconselha Perrot (1995) que diz:

Escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos. Escrever tal história significa levá-la a sério, querer superar o espinhoso problema das fontes. "Não se sabe nada das mulheres". (Perrot, 1995, p 9)

Referências

- ABREU, Maria Emília Vieira de. *Professora Leolinda Dalto: uma proposta decatequese laica para os indígenas do Brasil (1895-1911)*. 101 f. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC SP, 2003.
- BRASIL. Decreto Legislativo n.38 de 9 de maio de 1893. In biblioteca da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.
- BOURDIEU, Pierre. Le champ scientifique. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 2, n°2-3, juin 1976. pp. 88-104; doi :<https://doi.org/10.3406/arss.1976.3454>
https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1976_num_2_2_3454
- BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 62-63, juin 1986. L'illusion biographique. pp. 69-72; doi :
<https://doi.org/10.3406/arss.1986.2317>https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1986_num_62_1_2317
- BUENO, Alexandra Padilha. Intelectuais brasileiras e seus projetos formativos para a emancipação da mulher: A pedagogia feminista em disputa (1910-1940). Tese de doutorado. Universidade Federal do Paraná-UFPR, 2019.
- CUNHA DOS SANTOS, Paulete Maria. *Leolinda Dalto, A caminhante do futuro: uma análise de sua trajetória de catequista a feminista (Rio de Janeiro/Goiás – 1896-1920)*. 168 f. Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo (RS), 2014.
- CUNHA DOS SANTOS, Paulete M. dos. *Leolinda Dalto – a Oaci-zauré – relato de sua experiência de proposta laica de educação para os povos indígenas no Brasil central*. Revista Historia de la Educación Latinoamericana, vol. 18, núm. 26, 2016. DOI <http://dx.doi.org/10.19053/01227238.4364>
- DALTO, Leolinda Figueiredo. *Da catequese dos índios no Brasil – notícias e documentos para a história (1896-1911)*. Rio de Janeiro: Typografia da Escola Orsina da Fonseca, 1920.
- DALTO, Leolinda Figueiredo. *Início do Feminismo no Brasil: subsídios para a história*. Rio de Janeiro: Typo. Da Escola Orsina da Fonseca, 1918.
- GRIGÓRIO, Patrícia Costa. *A professora Leolinda Dalto e os missionários: disputas pela catequese indígena em goiás (1896-1910)*. 217 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- GREGÓRIO. Patrícia Costa. *Leolinda Dalto e o projeto de catequese dos índios no Brasil*. XII Encontro de História Anpuh- Rio. Identidades. 2008.

HAMEL, Thérèse. *Un siècle de formation des maîtres au Québec, 1836-1939*. Montréal. Hurtubise HMH.1995

JARDILINO, J. Rubens Lima. *Educadora, Feminista, Indigenista: Leolinda Figueiredo Daltro, uma "Dama" da educação brasileira no final do século XIX*. *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, v.18, n.26, p. 7-11. Doi: <https://doi.org/10.19053/01227238.4358>

Jornal Correio da Manhã. Domingo. 20 de Julho de 1930. Acesso http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1930_10913.pdf

Jornal A Razão (RJ) – 1918/ Edição 00676. Visto em: <http://memoria.bn.br>

Jornal A Razão (RJ) – 1918/ Edição 00683. Visto em: <http://memoria.bn.br>

Jornal A Faceira (RJ) – 1911/ Edição 0005. Visto em: <http://memoria.bn.br>

Jornal A Faceira (RJ) – 1911/ Edição 0005. Visto em: <http://memoria.bn.br>

Jornais: "O Paiz", "Gazeta de Notícias", "Correio da Manhã" e "Jornal do Commercio") no dia 29 de outubro de 1906.

Jornal A platéia" no dia 9 de Outubro de 1896

Jornal O Paiz de 19 de julho de 1896

KARAWEJECZYKY, Mônica "As filhas de Eva querem votar": *A luta em prol do sufrágio Feminino no Brasil*. Seminário Internacional Fazendo Gênero: 10 desafios atuais do Feminismo. Florianópolis, 2013.

KARAWEJECZYKY, Mônica. *Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo "pátrio" de Leolinda de Figueiredo Daltro*. *Estudos Ibero-Americanos*, vol.40, núm. 1, enero- junio, 2014, pp. 64-84. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/1346/134632894005.pdf>

KARAWEJECZYKY, Mônica. *Suffragettes nos trópicos?! A primeira fase do movimento sufragista no Brasil*. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v.20, n. 1, p. 327 – 346, 2014.. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20768>.

Livro de óbitos da Freguesia de Maragogipe n.9. fl.48 apud.

MATOS, A.S. *O colégio Protestante e os imigrantes de São Paulo: Um estudo de caso sobre o lugar da educação na estratégia missionária da Igreja*. *Revista Fides Reformata*, v.4, n2. 1999. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/fides-reformata/fides04-n2/> acessado em 10 de março de 2021.

MINARDI, I.M. *Os migrantes e missionários norte-americanos e suas contribuições nos campos educacional e do trabalho*. XXII Simpósio Nacional de História – ANPUH, João Pessoa 2003.

PERROT, Michelle, *Escrever uma história das mulheres: Relato de uma experiência*. *Cadernos Pagu*, (4) 1995, p 9-28. Disponível em: [https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/1995\(4\)/Perrot.pdf](https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/1995(4)/Perrot.pdf)
Acesso em 15 março de 2023.

ROCHA, Elaine P. Os Caminhos dos sertões são mais árduos para uma Mulher: Notas sobre a excursão de Leolinda de Figueiredo Dalto aos sertões (1896-1897). *Outros Tempos*, vol. 10, n15, 2013. DOI: <https://doi.org/10.18817/ot.v10i15.259>

ROCHA, Elaine P. Vida de professora: ideias e aventuras de Leolinda de Figueiredo Dalto durante a Primeira República. *Revista Mundos do Trabalho*, vol.8, n.15. janeiro-junho 2016. p29-47. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-9222.2016v8n15p29>

ROCHA, Elaine P. *Dalto, Leolinda de Figueiredo, 1859-1935. O início do feminismo no Brasil [recurso eletrônico]: subsídios para história / LeolindaDalto ; introdução, notas e posfácio de Elaine Pereira Rocha. -- Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2021. – (Coleção vozes femininas)*

ROCHA, Elaine Pereira. Entre a pena e a espada: a trajetória de LeolindaDalto (1859- 1935) – patriotismo, indigenismo e feminismo. 2002. 355f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo- São Paulo

SALGADO, Gisele Mascarelli. Discussões legislativas do Código Civil de 1916: Uma revisão historiográfica. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XV, n. 96, jan 2012. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-civil/discussoes-legislativas-do-codigo-civil-de-1916-uma-revisao-historiografica/>. Acesso em 5 de maio de 2021.